

# CIGANOS PORTUGUESES

OLHARES PLURAIS E NOVOS DESAFIOS  
NUMA SOCIEDADE EM TRANSIÇÃO

Produzir uma reflexão multidimensional e interdisciplinar sobre as transformações que têm marcado a situação dos ciganos portugueses nas últimas 3 décadas constitui o principal mote deste livro que agora se dá à estampa. Trata-se de um conjunto heterogêneo de textos, que constituem olhares plurais e cruzados que intersejam disciplinas, abordagens, referenciais empíricos e opções metodológicas de caráter díspar. O livro organiza-se em torno de três dossiês: no primeiro e a partir de contribuições internacionais, é possível encontrar uma panorâmica sobre o passado, presente e cenários futuros dos ciganos que vivem no espaço europeu; no segundo, os vários contributos procuram resgatar um olhar atual e solidamente fundamentado que capta a complexidade e diversidade dos estudos ciganos em Portugal, contando com os tributos de um conjunto vasto de autores nacionais que têm produzido pesquisas neste domínio. No terceiro, apresentam-se dois testemunhos sobre mundividências mais centradas numa prática profissional e de intervenção concreta em domínios como a arquitetura e a religião. De uma forma sintética, nestes textos são apresentados resultados de estudos e testemunhos que se entrecruzam e que procuram tematizar questões políticas, institucionais, culturais e de enraizamento dos ciganos na textura da sociedade portuguesa. Esta coletânea constitui um desafio aos leitores, na medida em que empreende uma revisão crítica dos saberes dispersos, díspares e fragmentados sobre os ciganos em Portugal, abrindo-nos um campo de reflexão amplo, útil e operativo, ao disponibilizar uma multiplicidade de conhecimentos atuais produzidos por investigadores de várias áreas científicas sob o mote «olhares interdisciplinares e plurais sobre os ciganos portugueses».



**Maria Manuela Mendes**, socióloga, professora na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa e investigadora no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-IUL).

**Olga Magano**, socióloga, professora na Universidade Aberta, Departamento de Ciências Sociais e Gestão, investigadora do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI).

editora  
**MUNDOS  
SOCIAIS**

**CIES IUL**  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO  
E ESTUDOS DE SOCIOLOGIA  
Instituto Universitário de Lisboa

ISBN 978-989-8536-26-6



9 789898 536266

MARIA MANUELA MENDES  
OLGA MAGANO (orgs.)

# CIGANOS PORTUGUESES

OLHARES PLURAIS E NOVOS DESAFIOS  
NUMA SOCIEDADE EM TRANSIÇÃO

MUNDOS  
SOCIAIS

© Maria Manuela Mendes e Olga Magano (organizadoras), 2013

Maria Manuela Mendes e Olga Magano (organizadoras)  
**Ciganos Portugueses. Olhares Plurais e Novos Desafios Numa Sociedade em Transição**

Primeira edição: outubro de 2013  
Tiragem: 300 exemplares

ISBN: 978-989-8536-26-6  
Depósito legal: 366516/13

Composição em caracteres Palatino, corpo 10  
Conceção gráfica e composição: Lina Cardoso  
Capa: Nuno Fonseca  
Revisão de texto: Manuel Coelho  
Impressão e acabamentos: Europress, Ld.<sup>a</sup>

Este livro foi objeto de avaliação científica

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa,  
de acordo com a legislação em vigor, por Editora Mundos Sociais

Editora Mundos Sociais, CIES, ISCTE-IUL, Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa  
Tel.: (+351) 217 903 238  
Fax: (+351) 217 940 074  
E-mail: editora.cies@iscte.pt  
Site: <http://mundossociais.com>

## Índice

Índice de figuras e quadros .....	vii
Agradecimentos .....	ix
Prefácio .....	xi

### Introdução.

<b>Olhares plurais e cruzados sobre os ciganos portugueses.....</b>	<b>1</b>
<i>Maria Manuela Mendes e Olga Magano</i>	

### Parte I | Ciganos na Europa

<b>1 Gypsies in Europe, between a problematic past and potentialities ....</b>	<b>13</b>
<i>Alain Reyniers</i>	
<b>2 “Sangre y costumbres” .....</b>	<b>17</b>
<i>Juan F. Gamella</i>	

### Parte II | Ciganos em Portugal

<b>3 Visibilidade social, políticas públicas e controvérsias espaciais .....</b>	<b>39</b>
<i>Alexandra Castro</i>	
<b>4 Habitação e integração social .....</b>	<b>61</b>
<i>Álvaro Pereira e Margarida Rebelo</i>	
<b>5 A construção de uma “comunidade de palavras” .....</b>	<b>71</b>
<i>Micol Brazzabeni</i>	
<b>6 Políticas públicas de qualificação de adultos e comunidades ciganas.....</b>	<b>81</b>
<i>Maria do Carmo Gomes</i>	

7	<b>Etnicidade cigana e religião</b> .....	93
	<i>Donizete Rodrigues</i>	
8	<b>O racismo contra as coletividades ciganas em Portugal</b> .....	111
	<i>João Filipe Marques</i>	
9	<b>Reflexões sobre a questão cigana em Portugal</b> .....	123
	<i>José Gabriel Pereira Bastos</i>	
10	<b>Discriminação percebida e sentida pelos ciganos da área metropolitana de Lisboa</b> .....	133
	<i>Maria Manuela Mendes</i>	
11	<b>A matriz normativa da população portuguesa cigana</b> .....	165
	<i>Sónia Costa</i>	
12	<b>Introversão e derivas</b> .....	175
	<i>Daniel Seabra Lopes</i>	
13	<b>Percursos de integração de ciganos portugueses</b> .....	191
	<i>Olga Magano</i>	
14	<b>A população cigana do Nordeste Transmontano</b> .....	207
	<i>Lurdes Fernandes Nicolau</i>	
15	<b>Relações interétnicas, dinâmicas sociais e estratégias identitárias</b> .....	223
	<i>Carlos Jorge dos Santos Sousa</i>	
<b>Parte III   Testemunhos de Prática Profissional, Intervenções e Projetos</b>		
16	<b>Habitação e vizinhança para famílias de etnia cigana</b> .....	239
	<i>António Baptista Coelho</i>	
17	<b>Religião</b> .....	249
	<i>Francisco Monteiro</i>	

## Índice de figuras e quadros

### Figuras

3.1	Distribuição da população cigana a residir em alojamentos não clássicos, por distrito .....	42
3.2	Posição das variáveis no cruzamento das duas dimensões .....	44
3.3	Descrição das situações tipo .....	45
3.4	Causalidades associadas à precariedade habitacional.....	55
4.1	Avaliação das representações do bairro (%) .....	64
4.2	Modelo quadripolar para o estudo da identidade étnica minoritária ...	66
4.3	Tipos identitários, segundo a localização geográfica (%).....	67
15.1	Manuel António Botas .....	226
15.2	Manuel Botas .....	227
15.3	Maria de Sousa Maia e José Paulos Maia .....	228
15.4	António Maia .....	231
15.5	A urna coberta com a bandeira nacional .....	233
16.1	Privilegiar uma resposta tipológica pormenorizada — do conjunto urbano bem integrado à pormenorização — às mais diversas situações físicas, paisagísticas e de modos de vida e de uso da casa e do espaço urbano. Não há tipologias a descartar, há, sim, tipologias mais ou menos adequadas, e há aqui um riquíssimo campo para o aprofundamento da qualidade do projeto arquitetónico e do estudo dos casos de referência .....	241
16.2	Há soluções de partilha dos mesmos edifícios multifamiliares nos seus vários pisos e com acessos distintos e autonomizados que convém estudar — nos casos já desenvolvidos e respetivos aspetos positivos e negativos .....	243
16.3	Uma alternativa tipológica e de integração que parece responder bem a diversas questões colocadas neste artigo é proporcionada por pequenas bandas densas de edifícios unifamiliares com pátios exteriores privados, espaçosos e privatizados.....	244

## Capítulo 13

### Percursos de integração de ciganos portugueses

Olga Magano

Centro de Estudos de Migrações e Relações Interculturais, Universidade Aberta (CEMRI/UAb)

#### Contextualização da problemática

A revisão bibliográfica sobre ciganos em Portugal e na Europa e uma investigação prévia realizada (Magano, 1999) alertam para resultados que colocam em causa a visão essencialista com que tendencialmente se olha para os ciganos. Alguns indicadores mostram que entre indivíduos residentes no mesmo espaço físico, antes e depois de realojamento, pode haver diferentes formas de estar e de se relacionar com a sociedade envolvente, traduzidas nas posturas adotadas.

Na década de 90 do século passado, surgiram vários associativistas ciganos que trouxeram para o debate público novos olhares a partir de dentro, preocupações com as condições de vida de pessoas ciganas, sobretudo as que viviam em acampamentos ou em más condições habitacionais, assumindo publicamente um papel importante na denúncia da situação de pobreza e de exclusão dos ciganos em Portugal (ACIME, 1997; SOS Racismo, 2001). Alguns desses associativistas ciganos não exerciam a profissão tradicionalmente imputada aos ciganos de vendedores ambulantes. Alguns tinham feito ou estavam a fazer escolarização e a "tomar a palavra" (Madec e Murard, 1998) no sentido de serem eles próprios, autores e atores, a liderar e assumir as reivindicações para a igualdade de direitos de cidadania para os indivíduos de origem cigana. Também a partir da década de 1990 aumenta o interesse académico pelos ciganos como objeto de estudo, tendo surgido algumas investigações que se concretizaram em dissertações de mestrado e, mais recentemente, em várias teses de doutoramento. No âmbito de projetos locais focalizam-se alguns aspetos sobre famílias ciganas e questões associadas à pobreza e exclusão, tais como as más condições de alojamento, o analfabetismo, as relações com a saúde e a doença, etc.

Em termos europeus, igualmente de forma crescente e consistente, se assiste a uma maior atenção às questões de pobreza e de exclusão vividas por alguns grupos sociais, entre os quais se destacam os ciganos, quase sempre referidos como os mais pobres e os mais excluídos. Os vários órgãos de soberania da União Europeia têm produzido relatórios, recomendações e resoluções para promover a escolarização, o acesso à habitação, à saúde e ao trabalho, o que se substanciou em grande medida

na elaboração da Estratégia Europeia para a Integração dos Ciganos (Parlamento Europeu, 2011) imposta a todos os países membros da União Europeia.

Não obstante a preocupação das instâncias governativas sobre as desigualdades no acesso e exercício de cidadania, em termos concretos, na sociedade portuguesa, persistem problemas de pobreza e exclusão dos ciganos, sendo neste conjunto populacional que se verificam os casos mais extremos de pobreza, analfabetismo e de discriminação social (Comissão Europeia, 2004; ERRC/Númena, 2007).

De facto, o processo de integração dos ciganos tem sido difícil e muitas vezes conflituoso, como podemos constatar pelos casos frequentes de tentativas de expulsão territorial e indignação pela inserção de crianças no sistema escolar e, não menos rara, a responsabilização pela pobreza e exclusão social em que vivem. As medidas de política social implementadas, apesar de abrangerem famílias ciganas, têm-se traduzido em poucos resultados de participação social, por serem, de um modo geral, universalistas e desadequadas, pelo desfasamento de base que existe entre essas medidas e as características culturais e origens sociais existentes entre os diferentes utentes/beneficiários (ERRC/Númena, 2007).

A bibliografia sobre a história dos ciganos, a sua fixação territorial e o conjunto legislativo elaborado com intuito de regular os seus modos de vida e expressões culturais refletem perseguições, expulsões, marginalização e exclusão, de um modo geral, nos países em que vivem ciganos (Fraser, 1997). Em termos de análise e intervenção, tem sido privilegiada a perspectiva de conhecer, detetar e denunciar situações de indivíduos e de famílias ciganas a viver situações de exclusão social, por ser onde se encontram os maiores índices de pobreza e casos de vivência de condições mais precárias de salubridade e habitabilidade. É neste grupo de pessoas que se detetam as maiores taxas de analfabetismo e abandono escolar precoce, os que têm menos formação e os mais pobres (CPESC, 2009; Santos *et al.*, 2009). São também as principais vítimas das perseguições policiais, de onde resulta, muitas vezes, a confiscação de mercadorias e uma alta taxa de detenção, quando comparado o número de detidos com o número estimado de indivíduos de origem cigana residentes em Portugal (Moreira, 1999) e os números para a população em geral.

Reconhecendo a forte incidência de situações de pobreza e de exclusão social entre famílias ciganas há, contudo, alguns indivíduos que não se enquadram nesses tipos de vida. Quando aproximamos o olhar ou flexibilizamos a perspectiva constatamos que existem indivíduos ou famílias que não se enquadram totalmente nesses tipos estereotipados sobre os ciganos em Portugal. No sentido sociológico do conceito de integração há indivíduos de origem cigana integrados, o que significa que incorporaram as normas sociais e participam nas principais atividades sociais, e também na esfera económica (Schnapper, 2007). O conceito de integração, no caso em análise, implica a participação dos cidadãos na vida coletiva, por via das instâncias de socialização (a família, a escola, o trabalho, etc.), considerando-se diferentes possibilidades de adesão e participação na sociedade dominante (Schnapper, 2007), essencialmente através das dimensões económica (inserção nas atividades de produção e de consumo), social (integração nos grupos primários e na sociedade global através de laços sociais institucionais) e simbólica (normas, valores e representações coletivas, definidoras dos lugares sociais) (Gaulejac e Léonetti, 1994).

Com a preocupação de realizar uma investigação que incorpore olhares múltiplos, recorreremos a contributos sociológicos como a sociologia da integração, da interação social e das relações interculturais, com o objetivo de perceber e identificar mecanismos sociais, fatores, contextos sociais e familiares que permitam desenvolver percursos diferenciados dos tradicionais ciganos. Fomos conhecer percursos de integração, como é vivida a experiência de integração e, também, como se processa a integração de novos elementos na formação da identidade cigana.

### Análise de percursos de vida: considerações teóricas e metodológicas

Nas sociedades modernas contemporâneas são possíveis processos de socialização diferenciados em que cada indivíduo pode interiorizar de forma específica as normas e regras sociais; é o espaço dos possíveis a que se refere Bourdieu (2001). Nesse sentido os indivíduos de origem cigana integrados podem ser considerados como "trânsfugas culturais" (Lahire, 2003), o que se traduz no desejo de desvinculação, exclusão e marginalização social do universo quotidiano dos ciganos ou no desenvolvimento de formas de conciliação identitária.

Para a desconstrução teórica das representações sociais essencialistas sobre os modos de vida ciganos foi essencial o conceito de projeto de vida de Gilberto Velho (1999), que permitiu aferir de forma clara a configuração do indivíduo como agente, com margem de autonomia, capaz de fazer opções de vida, mesmo em contextos fortemente condicionados culturalmente. Por seu lado, a noção de quadros de experiência de Goffman foi também importante, por chamar a atenção para a possibilidade de sobreposição de processos de socialização que se consubstanciam em vários tipos de quadros que se organizam e priorizam (Goffman, 1991 [1974]). Também a mobilização do conceito de pluralidade identitária (Lahire, 2003), em que o processo de construção de identidades é visto como plural e composto em que cada indivíduo acumula e mistura várias traços identitários que se miscigenam e reconfiguram, permitiu perceber que os indivíduos não são simples recetores das normas e das regras sociais recebidas. Ou seja, são também capazes de interiorizar, reformular e recriar de diferentes formas os conteúdos de aprendizagem social advindos do processo socialização (Dubet, 1996). O indivíduo é capaz de emergir da estrutura social, quebrar ciclos de reprodução social e ter projeto de vida individual, mesmo que isso implique distanciamento em relação ao grupo de pertença e a certos valores da "tradição". Ele pode acomodar diferentes traços, não sendo exclusivamente um ou outro mas sim vários ao mesmo tempo.

As transformações sociais e culturais verificadas na sociedade portuguesa nas décadas mais recentes, nomeadamente a partir de 1974 com o sistema democrático, repercutiram-se sobre os indivíduos e famílias ciganas mas também sobre as relações e interações entre ciganos e não ciganos, que se vão refletindo nas formas de identificação com a cultura cigana. Emergem formas de pensar e de estar diversificadas, quer na sociedade em geral quer entre os ciganos, que originam novas

Quadro 13.1 Distribuição dos entrevistados por idades e por género

Grupos de Idades	Homens	Mulheres
20-30	5	5
30-40	2	2
40-50	0	3
50-60	4	0
Total	11	10

Fonte: Magano (2010).

afirmações identitárias, o que remete para a simbiose e metamorfose de traços culturais, sendo nesse interstício teórico-metodológico que se desenvolve esta investigação sobre ciganos integrados. Desenvolveu-se uma investigação qualitativa com a realização de entrevistas em profundidade, com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre trajetórias de vida através das narrativas de vida para conhecer as lógicas de ação biográficas e as configurações de relações e interações. Nesta investigação pretendemos identificar os percursos, os contextos em que ocorrem, as instituições sociais envolvidas, os modelos sociais de referência e a importância das relações familiares e sociais que permitiram efetuar esses modos de vida que se diferenciam dos ditos tradicionais ciganos. Os processos de socialização, as redes sociais, os contextos em que cada um se move e as oportunidades de diversificar as relações sociais são importantes para traçarmos estes percursos. Os critérios usados para selecionar os entrevistados foram, em primeiro lugar, a inserção profissional ou económica com atividade laboral por conta de outrem, ou seja, entrevistámos indivíduos ciganos com uma ocupação económica considerada como "não cigana". A opção por este principal critério prende-se com o facto de, em termos sociológicos, o tipo de trabalho, a profissão, a situação na profissão ou ocupação profissional ainda continuarem a ser as principais variáveis para a definição do estatuto social do indivíduo (Schnapper, 2007).

Realizaram-se 21 entrevistas em profundidade a indivíduos de ambos os sexos de origem cigana (dez mulheres e onze homens) em vários pontos do país, em áreas urbanas e rurais (Bragança, Braga, Coimbra, Lisboa e Porto) (quadro 13.1).

As origens sociais são também distintas, sendo de destacar que nem todos são de origem totalmente cigana.

As habilitações escolares são diversificadas e distribuem-se desde uma mulher que não sabe ler nem escrever até dois entrevistados com mestrado. Cinco entrevistados têm o 4.º ano de escolaridade (quatro mulheres e um homem); uma mulher tem o 5.º ano (a fazer formação); dois entrevistados têm o 6.º ano (uma mulher e um homem); cinco têm o 9.º ano (três mulheres e dois homens), um tem curso técnico-profissional; dois têm o 12.º ano (dois homens) e dois são licenciados (um homem e uma mulher).

No que se refere às atividades económicas desenvolvidas verifica-se também uma variedade de ocupações profissionais e que consistem em formadores ou professores, consultores, mediadores socioculturais, auditor, educadora de infância,

Quadro 13.2 Origem social dos entrevistados por género

Origem progenitores	Homens	Mulheres
Ambos progenitores ciganos	6	4
Mãe cigana e pai não cigano	3	5
Mãe cigana e pai meio cigano	1	0
Pai cigano e mãe não cigana	1	1
Total	11	10

Fonte: Magano (2010).

Quadro 13.3 Estado civil dos entrevistados por género

Estado civil	Homens	Mulheres
União de facto com ciganos (casamento cigano)	4	0
União de facto com não ciganos	3	5
Casamento com ciganos	0	1
Casamento com não ciganos	3	1
Separados	0	2
Solteiro	1	1
Total	11	10

Fonte: Magano (2010).

auxiliar de serviços gerais, empregados de mesa e de limpeza, cozinheira, empregada de fábrica de pão, empregado de bomba de gasolina, agente policial, jardineira, cozinheira, guarda-noturno.

As opções conjugais dos entrevistados incidem maioritariamente na escolha de cônjuge não cigano (14 casos em 19), e em nove casos verifica-se que um dos progenitores é não cigano.

Apesar de os entrevistados serem ciganos/as integrados/as, há cinco mulheres com uniões conjugais precoces, quer com homens ciganos quer com não ciganos. Algumas tiveram uniões conjugais antes dos 20 anos e uma refere ter "casado" aos 15 anos, portanto, dando continuidade à tradição de casar cedo, ainda que possa variar o tipo de uniões conjugais.

### Distinção de percursos

Os homens e mulheres estudados vivem no mesmo espaço geográfico praticamente desde sempre. A fixação nos locais parece ter acontecido sobretudo durante a geração dos avós e quase sempre aqueles são os mesmos em que as famílias continuam a residir. Em termos habitacionais, há uma maior incidência de casos em que desde a infância houve o mínimo de condições de habitação. Apenas uma entrevistada refere ter vivido numa barraca até os pais serem realojados (Lisboa) e outro

entrevistado recorda-se de a sua família ainda ter vivido num acampamento (Braga). Os outros entrevistados viveram em casas próprias ou arrendadas, sobretudo em habitações sociais, e alguns indicam ter vivido sem ser em habitação social. As más condições habitacionais na infância são apontadas por alguns como causa de dificuldades como, por exemplo, para arranjo e higiene para ir à escola (por faltar água e energia elétrica). As habitações em que atualmente vivem são variadas: casa própria (adquirida ou herdada), casa comercialmente arrendada, ou casa de habitação social. Registe-se, contudo, que nenhuma das mulheres reside em habitação social enquanto que quatro dos homens residem em habitação social e os restantes em habitações particulares próprias ou de arrendamento.

O tipo de ascendência social exclusivamente cigana ou mista revelou-se importante para os indivíduos, sendo referido frequentemente como aspeto essencial e mobilizador para os trajetos de vida feitos e estruturante nas redes sociais familiares e não familiares. Há também a registar a influência de familiares que não os progenitores, por exemplo no caso de duas entrevistadas que não foram criadas pelos pais: estas duas entrevistadas (ambas com pai e mãe de origem cigana) foram criadas por outros familiares, uma pela avó cigana e outra pela madrastra não cigana (na adolescência viveu com uma tia não cigana). Verificou-se também que uma mulher, embora com ambos os progenitores ciganos, foi entregue e educada numa instituição de acolhimento.

- Quem me pôs no lar foram os meus padrinhos. Os meus padrinhos não são ciganos, são *aldeanos*.<sup>1</sup> Sei que foram eles que me puseram no lar e sei que quando me tiraram eu estava com a minha mãe. Tanto que eu não tenho o meu pai, tenho só assente a minha mãe e estava com uma tia minha.
- A sua mãe era cigana?
- Era e o meu pai também era.
- E então não se recorda porque é que estava entregue aos seus padrinhos?
- Eu acho que não estava entregue a eles. Pelo que eu sei, pelo que eu me lembro e pelo que perguntei, eu estava com uma tia minha, uma irmã da minha mãe.
- Portanto, já não vivia com a sua mãe?
- Pelo que eu sei, entretanto, a minha mãe juntou-se com outro senhor e esse senhor não me aceitava. Era a mais pequenina e não me aceitava! Nem a mim, nem aos meus irmãos! [Mulher, 29 anos, progenitores ciganos, licenciada, zona urbana]

A diversificação das origens familiares e de interações sociais faz com que a socialização se faça com acesso ao modo de vida tradicional cigano, em alguns dos casos, mas também com convivência e aprendizagem de modos de vida não ciganos. Esta influência parece assumir alguma relevância quando é necessário decidir sobre opções de vida em termos pessoais e profissionais. Muitas das vezes, é necessário convocar conhecimentos adquiridos nessas duplas vivências. Um dos entrevistados

1 Termo usado na zona de Trás-os-Montes para designar os não ciganos.

reforça esta ideia quando refere que “teve de harmonizar entre o estar na comunidade e estar na sociedade portuguesa” [homem, 24 anos, progenitores ciganos, zona urbana], ou seja, tem a perceção da mobilização e da sua capacidade de ajustamento a diferentes situações sociais sabendo corresponder às exigências específicas de cada uma.

- [...] Antigamente só se podiam casar ciganos com ciganos e não admitiam que se casassem com aldeanos, e como agora já todo o mundo sabe e se vê, embora não gostem, as famílias, inda é mesmo assim, embora não gostem, mas pronto, já vão aceitando. Já vão aceitando, as pessoas casarem-se com aldeanos. Eu, por exemplo, estou casada com um aldeano, o meu pai e a minha mãe não viam isso muito bem, não era? Não gostavam, mas quem tem que gostar sou eu não são eles. Eu é que vou viver com ele, não é o meu pai nem a minha mãe.
- E como é que lutou, no fundo, teve que lutar contra a família, não é?
- Claro, tive que lhes fazer compreender [...] Temos que ser um bocado mais cultas, temos que saber um bocado mais da vida, não é por sermos ciganos que vamos a ser sempre discriminados. Porque você sabe perfeitamente que quando acontece alguma coisa “Oh! É o cigano!”, ou tem a mania, porque já me aconteceu a mim, muitas vezes, ver a falar para miúdos pequenitos: “Olha que vem ali o cigano e vai-te levar!”, ou “Andas vestido como um cigano!”, não sei quê, não sei que mais. Há ciganos hoje em dia que vestem melhor que os aldeanos! [Mulher, 40 anos, sem escolaridade obrigatória, cozinheira, zona urbana]

Ter familiares ciganos e não ciganos coloca os indivíduos em situação privilegiada para desenvolverem relacionamentos sociais próximos e constantes com vários universos culturais, aprendendo desde pequenos a movimentar-se neles.

Sim, é verdade, eu não posso mentir... eu não faço praticamente vida de cigana, não é? Não é muito, não faço mesmo! Como é que hei de dizer, foi derivado ao meu trajeto de vida, mesmo, porque a minha infância foi vivida com a família do meu pai que é cigana e a família da minha mãe não é cigana. Passei a minha infância até aos nove anos com a família do meu pai. Até aos nove anos fui criada lá, mas tinha a minha avó materna que estava na Suíça, que é enfermeira, e convidou os meus pais para passarem férias lá. Nós fomos lá passar uns dias, eu tinha nove anos! A minha mãe adorou o país, adorou a civilização, adorou as pessoas, e então quis ficar lá, quis trabalhar lá, continuar lá a vida dela, e deixámos cá a casa. O meu pai também fez lá vida de vendedor ambulante, a vida toda dele foi de vendedor ambulante. [Mulher, 26 anos, pai cigano e mãe não cigana, 9.º ano escolaridade, zona urbana]

A questão da origem social cigana que se expressa nas narrativas em “pura” ou “não pura” ou “menos pura” surge frequentemente como elemento importante para justificar alguns trajetos e opções de vida. A pureza cigana tem que ver com o facto de ambos os progenitores serem ciganos ou o pai ser cigano. “[...] Para os ciganos, sempre que seja filho de homem, mesmo que a mãe não seja cigana, que é o meu caso, são ciganos puros. No caso de ser filhos de mulher cigana e de homem

não cigano, já não é puro." [Homem, 52 anos, pai cigano e mãe não cigana, mestrado, zona urbana] Ou seja, não se é cigano puro sempre que o pai é não cigano. Não obstante essa distinção importante para os indivíduos ciganos, referem que os não ciganos não conseguem fazer essas distinções e continuam a tratar todos de forma igual e discriminatória.

Estou satisfeita e estou orgulhosa porque uma pessoa depois vai andando e vai vendo tanta miséria! Uma pessoa vai trabalhar, no trabalho convive com várias pessoas, com várias caras mas sabem sempre que se uma pessoa é descendente de cigana, já é cigana, e depois há sempre aquela coisa "Ah é cigana!", há sempre aquela coisa. Mas eu, de certa forma, sinto-me orgulhosa. Houve uma vez uma rapariga, quando eu trabalhava com ela nas limpezas, ela disse-me "Ai, vieram-me dizer que tu eras cigana!" Eu disse à rapariga, "Por acaso não sou bem cigana, sou metade!" [Risos] Sou como um *panaché*, metade cerveja e metade gasosa, eu também sou assim, mas "Olha, tenho muito orgulho nisso que eu vejo muita gente que nem é cigano, nem é metade, é aldeano, como tu és, e no entanto são piores que eu", porque hoje em dia as pessoas julgam as outras por etnia, pela cor e não é assim, as pessoas devia ser julgadas pelos seus sentimentos. Porque, à partida se há um cigano que está mal vestido, que está malcheiroso, que está não sei quê, se há outros ao lado que é um cigano que está bem vestido, que está cheiroso, não quer dizer que o que esteja bem vestido seja melhor do que o outro. Mas à partida já há consideração, já há mais tendência para ir para o bem-cheiroso do que para o malcheiroso. E depois aqui, também, é um bocado isso. Mas eu sinto muitas vezes, ainda hoje, sinto, uma pessoa não é burra, vê-se na rua! Também às vezes a mentalidade das pessoas não atingem mais. Têm a mania que são finos e não são, são pessoas que discriminam mas eu, quanto a isso, lido bem. [Mulher, 25 anos, mãe cigana e pai não cigano, 9.º ano de escolaridade, zona urbana]

Independentemente da origem social (origens cigana e não cigana e tipo de grupo socioeconómico) e do género, todos os homens e mulheres viveram processos de socialização primária em que integraram padrões de relacionamento mistos, com destaque para os que têm familiares não ciganos e que, por isso mesmo, fizeram parte da sua realidade quotidiana e influenciaram fortemente os seus processos de socialização e educação nos primeiros anos de vida.

As mulheres entrevistadas têm a percepção da singularidade do percurso vivido. Para algumas trata-se de uma conquista pessoal que entendem dever-se ao seu esforço individual ou ao empenho de alguns familiares. De facto, os nossos resultados confirmam que as mulheres ciganas continuam a ter mais dificuldades do que os homens no acesso à escolarização prolongada. Contudo, cruzando os níveis de escolaridade das entrevistadas com as origens sociais, verifica-se que os casos de escolaridade mais elevada se encontram nas descendentes de casais mistos, situação que, comparada com a dos homens entrevistados, parece não assumir particular relevância, atendendo a que sete deles têm pai e mãe cigana e quatro são filhos de uniões mistas, o que reforça a diferença de género na cultura cigana no que se refere à escolarização. No caso das mulheres, o facto de serem filhas de uniões mistas ou terem sido criadas por outros familiares ou numa instituição de acolhimento

surge como fator decisivo para maior abertura sobre a escolarização das raparigas ciganas.

Os homens que não concluíram a escolaridade obrigatória apontam razões diferentes das mulheres. Para eles, parece tratar-se de uma decisão quase meramente pessoal, dependente da sua vontade, não parecendo ser uma decisão parental continuar ou abandonar o sistema escolar. Quando se compara a escolaridade dos entrevistados com a geração anterior é perceptível o aumento da frequência escolar, embora ainda, sobretudo no caso de algumas mulheres, fique aquém da escolaridade mínima obrigatória, tendo sido vítimas da cultura cigana em relação à escolarização das raparigas adolescentes.

- Até que ano andou na escola?
- Na escola? Na realidade nunca andei na escola. Não, não nunca, é assim, quando eu estava em casa dos meus pais, os meus irmãos, todos iam à escola, todos, tanto que eles têm o nono, o décimo, têm todos habilitações muito grandes, só que como eu era a mais velha deles todos, eles eram seis, comigo sete, eu tinha que me levantar às sete da manhã, dar-lhes o pequeno-almoço, vesti-los e levá-los à escola. Naquele tempo, o meu pai era feirante, vendia mantas, roupas, e andava aqui a vender, cá e lá, e então, eu tinha que ficar em casa. Era eu que ficava, às vezes. Eles iam-se embora, semanas e semanas por lá e eu é que ficava a tomar conta deles, eu é que era a mãe deles. [Mulher, 40 anos, ambos progenitores ciganos, sem escolaridade, zona urbana]

A ênfase da importância que teve o relacionamento com não ciganos é realçada, quer por entrevistados de origem totalmente cigana quer de origem mista. Em alguns casos é referido o facto de se ter nascido numa família integrada, o que se relaciona com elevado estatuto socioeconómico das famílias de origem. Nestes casos (dois homens) não há experiência de viver "no meio de ciganos" e têm consciência da exceção da sua vida, diferente da dos "verdadeiramente" ciganos, associados à autoexclusão do convívio com não ciganos.

A convivência social com não ciganos está presente ao longo das vidas dos entrevistados, como se pode constatar pelos frequentes casos de apadrinhamento, em sentido literal e metafórico, e por indivíduos de referência que possibilitaram o acesso a determinado tipo de bens ou informações, e que acompanharam os seus trajetos de vida. A possibilidade de estudar remete nestes casos para a importância de fatores exteriores à própria família e à comunidade, que estruturaram percursos em que se atribui aos não ciganos mais capital social e acesso a mais informação e melhor orientação na sociedade do que no caso da maioria dos ciganos.

Os que têm ambos os progenitores de origem cigana consideram-se mais próximos de outros ciganos, nomeadamente pela ligação a atividades associativas e religiosas ciganas. Também a opção de casar ou não com ciganos pode ser um indicador sobre o afastamento ou proximidade cultural em relação à "cultura cigana". No que se refere às uniões conjugais, nos homens, seis em onze escolheram companheiras não ciganas e quatro casaram com mulheres ciganas, sendo um solteiro. No caso das mulheres, oito uniram-se a não ciganos, uma outra casou com um cigano e

há uma que é solteira. Em termos da dimensão familiar, as famílias dos entrevistados são mais pequenas e acompanham a tendência geral de redução dos núcleos familiares, com a diminuição do número de filhos em relação aos progenitores.

A tradição do "casamento cigano", para alguns dos homens, é entendida como central para a manutenção da cultura cigana, por ser um ritual de passagem para o mundo dos adultos que tem na virgindade da noiva uma das principais características e que funciona como forma de exercer controlo sobre as mulheres, estando na origem das relações endogâmicas, com a realização de uniões conjugais precoces na adolescência das raparigas, quase sempre com familiares próximos. Contudo, essas práticas não são generalizadas. Algumas mulheres ciganas transmontanas mostram distanciamento e desconhecimento da conceção tradicional de "casamento cigano", que surge muitas vezes retratado na bibliografia e em algumas narrativas masculinas. Afirmam desconhecer a prática de combinação de casamentos pelos progenitores e as formas de celebração que são vulgarmente indicadas como práticas da tradição cigana, como é o caso da prova da virgindade e outros rituais festivos. No entanto, para outras mulheres, cujas famílias vivem ainda de forma cigana mais tradicional essas regras sobre a endogamia, a união com um homem não cigano foi uma espécie de libertação, porque lhes permitiu afastarem-se da combinação de "casamento cigano", situação vivida por algumas mulheres entrevistadas:

Quando vim [do estrangeiro], vinha uma mulher já, não é? Corpo, estatura e não sei quê mas mentalmente ainda não era bem mulher, não era bem, ainda não sabia o que queria para a vida. Mas tinha o corpo de mulher e então diziam que já era uma mulher. Diziam, então... não sei quê, que bonita, que grande e não sei que mais. Quiseram-me logo casar! [Mulher, 26 anos, pai cigano e mãe não cigana, 9.º ano, zona urbana]

Face à imposição do casamento cigano são retratadas algumas formas de contornar alguns dos aspetos tradicionais mais rígidos, quer seja pela "fuga", quer pelo casamento "à espanhol",<sup>2</sup> que consiste numa espécie de encenação que permite aos jovens fazer as suas escolhas em vez de aceitarem as imposições dos progenitores.

As atividades profissionais desenvolvidas refletem as diferenças de escolaridade entre homens e mulheres. Os homens desempenham atividades mais qualificadas do que as mulheres, que, na sua maioria, desempenham atividades não qualificadas (apenas uma tem atividade qualificada — é educadora de infância). Comum a todos e todas é o desenvolvimento de atividades por conta de outrem; aliás, era critério de seleção dos entrevistados. No grupo das mulheres, as atividades distribuem-se pelo trabalho agrícola e serviços — cuidado de idosos e de crianças, ou na área da restauração: cozinheiras, empregadas de mesa e empregadas de limpeza, educadora de infância, jardineira, frequência de formação profissional e mediadora sociocultural. No grupo dos homens, as atividades atuais são principalmente na área dos serviços — ensino (docência e formação), mediação sociocultural, auxiliar de

2 Possibilidade de o rapaz ou a rapariga decidirem sobre a efetivação do casamento.

serviços gerais, guarda-noturno, trabalhadores não qualificados na área do comércio/prestação de serviços, técnico superior e agente policial. Apesar de quase todos os homens entrevistados terem estado ligados a atividades da venda ambulante para ajudar os progenitores (alguns chegaram a desenvolver a atividade de forma autónoma para garantir a sua sobrevivência), esse modo de vida foi deixado por ter surgido a oportunidade de desenvolver atividade alternativa por conta de outrem, em que reconhecem a vantagem de ter um rendimento mensal fixo. Um dos entrevistados ainda se dedica atualmente à venda ambulante, ao fim de semana. Tem uma atividade assalariada mas continua a fazer "vendas" sempre que pode para equilibrar o orçamento familiar, combinando assim atividade económica tradicional cigana com atividade profissional não cigana. São praticamente inexistentes as referências às atividades da "venda" por parte das mulheres como atividade própria atual ou passada, excetuando-se o caso de uma mulher que diz ter vendido na rua até aos 15 anos. Aspeto comum a homens e mulheres são as referências frequentes às dificuldades sentidas para encontrar trabalho remunerado e para ver a sua atividade reconhecida. Sentem ser tratados de forma negativa na procura de trabalho, discriminados por recusas sistemáticas que associam à sua origem cigana. Para conseguir aceder a trabalho assalariado a estratégia passa pela ocultação da origem cigana. No entanto, quando essa origem é descoberta, pode ser motivo de despedimento ou razão para não progredir na carreira.

A vontade e persistência pessoal para a procura de emprego não cigano são referidos como fatores importantes. Para além das dificuldades em conseguir trabalho, há também a noção de que, quando o conseguem, estão constantemente a ser colocados à prova, tendo de demonstrar continuamente as suas competências e o que são capazes de fazer.

### Mudanças e diversidade de conceção de ser cigano

O modo de vida dos indivíduos estudados, ciganos integrados, é diferente do "modo de vida cigano",<sup>3</sup> ou seja, entendem que têm um modo de vida "normal". No entanto, sentem a necessidade de transmitir aos seus filhos alguns desses traços culturais identitários e que se traduzem em distinguir o que é ser cigano, havendo a vontade de contribuir para a manutenção de alguns desses traços culturais e que podemos resumir com a expressão de um entrevistado quando refere querer que o filho seja um "doutor cigano", isto é, deseja que ele faça uma escolarização prolongada mas que não perca a sua ancoragem identitária. Mesmo em situação de opções educativas não ciganas para os filhos, admitem que eles assumem alguns valores centrais "ciganos" e os revelam em determinados momentos, o que se traduz no "orgulho na origem cigana".

Apesar de alguns se terem afastado do mundo social cigano em determinada altura da sua vida, e mesmo quando consideram que já não fazem nada de cigano,

3 Entendido aqui como viver da venda ambulante e estar sempre entre ciganos.

isso não significa que não se sintam ciganos, advogando mesmo a necessidade de alargar o conceito e de se considerarem novas formas de ser cigano. Outros, como já vimos, por exemplo no caso de conciliação de atividades, reinventaram novas formas de estar entre ciganos e não ciganos.

- Relativamente à postura, no fundo, acaba por poder ser acusado pelos outros ciganos de estar “assenhorado”,<sup>4</sup> não sei se posso dizer assim?
- Não, eu não tenho tido esse problema porque isto é assim, a pessoa que se preze, a pessoa que não se queira exaltar, a pessoa que queira ser um verdadeiro líder, nunca se coloca acima de ninguém, não é mal visto pelos ciganos, pelo contrário, eu muitas vezes eu faço sacrifício para fazer as coisas, eu nunca sou “assenhorado” porque eu quando estou com eles tenho uma postura, não quer dizer que me sente no chão, se eles estiverem sentados no chão, não me sento porque não sou capaz. Não sou capaz de estar sentado, não me dá jeito estar sentado no chão! Mas tenho uma postura simples e tento adequar-me à maneira deles. Tenho a minha maneira de estar, a minha maneira de falar, a minha maneira de conversar com eles, é óbvio, mas se estiver a conversar com eles tento empregar expressões, vocábulos que não os afetem que não os deixem complicados. Há pessoas que se servem disso para parecer que falam muito bem. São os tais que dizem, dizem e não se entende nada. Eu detesto isso! Eu tento ser o mais simples possível, tento ser o mais simpático possível para eles e sempre fui assim [...]. [Homem, 55 anos, ambos progenitores ciganos, curso comercial, zona urbana]

A conceção sobre o “ser cigano” é diversificada, desde logo numa perspetiva biológica, em que se entende como herança, sina, transmissão genética, uma questão “de sangue”; outra vertente prende-se com a possibilidade de uma aparência cigana, em que se constrói uma imagem social sobre o cigano, normalmente criada em torno da atividade da “venda”, mas também em relação às formas de se vestir, de falar, de andar e de se relacionar com os outros, ciganos e não ciganos. O sentimento de ser cigano traduz-se essencialmente na identificação com alguns valores ciganos, como o valor dado à família, a alegria das festas e a união entre as pessoas.

De um modo geral, é assumida uma autodiferenciação e um autodistanciamento entre os que “evoluíram” e os que “não evoluíram”, o que se materializa nos discursos sobre estar mais ou menos integrado e sobre os “ciganos verdadeiros” e os outros “não puros”. “Os ciganos como deve ser, entre aspas, que têm um padrão bom são aqueles que andam na venda, têm boas bancas, têm lojas, têm um bom estatuto social, está a entender?” [Homem, 24 anos, ambos os progenitores ciganos, 9.º ano, zona urbana]

Persiste por parte dos entrevistados a identificação com a cultura cigana, que se manifesta no “orgulho em ser cigano” e “orgulho no percurso efetuado”, na reivindicação de ser cigano, mesmo não fazendo vida de cigano, e pela aceitação das

4 Expressão usada para designar ciganos que fazem vida de não cigano.

origens sociais e culturais: trata-se de ter “tripa cigana”, como ilustra uma entrevistada.

- Têm, têm. Elas [as filhas] têm lá uma tripa de cigana! O meu filho também. Eu vejo, eu olho para o meu filho e digo, é assim, ele não é muito parecido ao pai de cara, não senhora. É um bocadinho também do pai, apronta muito, assim o ser nervoso do lado dele mas do resto é um bocadinho de cigano. Eu vejo, eu vejo quando ele está com ciganos, eu vejo, ele tem coisas de cigano!
- E porque é que acha que isso acontece? É a sua influência?
- Eu acho que lá mesmo no fundo eles têm da parte da mãe. E a pequenina também já tem coisas de cigana. [...] Porque é assim, porque em casa eu falo, até com o meu companheiro eu falo cigano. [...] Eu estou a trabalhar, deixo cair, eu falo cigano...
- O seu companheiro não fala cigano pois não?
- Já está a aprender, já está a aprender.
- Ele está a aprender?
- Já. Já sabe algumas coisas. Eu, em casa, mesmo que não queira, é sempre, tenho muito de cigana. [...] No trabalho tento disfarçar [risos]. Quando eu entrei para o trabalho eu não disse que era cigana, pensavam que era romena! [Mulher, 45 anos, ambos os progenitores ciganos, não sabe ler nem escrever, zona urbana]

### Conclusão

Através deste estudo foi possível aprofundar o conhecimento sobre percursos de vida de homens e mulheres de origem cigana integrados, com a desocultação de trajetórias de vida diferentes dos estereotipados sobre os ciganos. Constatámos a distinção entre os que consideram que já nasceram integrados e os que sentem que foram autores da construção do seu percurso, quer seja pelas opções tomadas em relação à escolarização ou tipo de ocupação, mas também no que se refere às uniões conjugais, no caso das mulheres, em que a união com um homem não cigano é referida como possibilidade libertadora em relação à família cigana.

Outro aspeto importante e que se repercute ao longo da vida dos entrevistados são os processos de socialização em contextos sociais diversos e não segregados como potenciadores da incorporação de várias competências sociais. É o caso das relações sociais com ciganos e não ciganos, quer seja através de uniões conjugais, vizinhança ou amizade.

Por seu lado, a frequência escolar demonstra ser quase sempre um fator decisivo para ter acesso a uma ocupação profissional mais qualificada e mobilidade social, levando frequentemente ao afastamento do modo de vida tradicional.

Registam-se resultados diferentes para homens e mulheres no que se refere aos percursos, sendo entre estas que se denota maior rutura familiar, devido à não aceitação das imposições da família no que se refere aos casamentos ciganos ou a casos de violência conjugal. E também são elas as que sentem ter sido as principais autoras e atrizes das suas opções de vida:

- Então porque é que continua a afirmar que é cigana?
- Sou porque tenho a descendência, tenho o sangue, porque eu de certa forma, eu não vou dizer às pessoas que eu que sou descendente de cigana, eu não vou dizer porque eu sei que de certa forma sou discriminada. Não o dirão às vezes na cara, não é, mas uma pessoa apercebe-se.
- Mas para além desse aspeto...
- Mas uma vez que eu tenho o sangue, não é, tenho esse sangue, e uma vez que consegui fazer um tracejado da minha vida diferente de muitos ciganos que existem porque há poucos como eu, que consigam tracejar a sua vida de maneira diferente dos hábitos deles e dos costumes que eu não concordo, eu sou sincera, eu não concordo com isso, acho uma aberração, principalmente para as raparigas, porque são de aceitar conforme são, enquanto garotas não tem direito a opinião e são empurradas para casamentos, em certas situações, eles não querem, lá está, porque não terem escapatória, talvez se tivesse escapatória, mas eu digo sempre orgulho, porque eu tenho cá isso incutido. Tenho o sangue e não me esqueço, não me esqueço, olho para a minha mãe e vejo que a minha mãe é cigana. [Mulher, 25 anos, mãe cigana e pai não cigano, 9.º ano de escolaridade, zona urbana]

#### Referências bibliográficas

- ACIME (1997), *Relatório do Grupo de Trabalho para a Igualdade e Inserção dos Ciganos*, Lisboa, Presidência do Conselho de Ministros / Alto-Comissário para a Imigração e Minorias Étnicas.
- Bourdieu, Pierre (2001), *Razões Práticas. Sobre a Teoria da Acção*, Oeiras, Celta Editora.
- Comissão Europeia (2004), *La Situation des Roms dans l'Union Européenne*, Luxemburgo, Commission Européenne, Direction Générale de l'Emploi et des Affaires Sociales.
- CPESC (2009), *Relatório das Audições Efectuadas sobre Portugueses Ciganos no Âmbito do Ano Europeu para o Diálogo Intercultural*, Lisboa, Comissão Parlamentar de Ética, Sociedade e Cultura, Subcomissão para a Igualdade de Oportunidades e Família.
- Dubet, François (1996), *Sociologia da Experiência*, Lisboa, Instituto Piaget.
- ERRC/Númena (2007), *Os Serviços Sociais ao Serviço da Inclusão Social. O Caso dos Ciganos*, Lisboa, ERRC (European Roma Rights Centre) e Númena (Centro de Investigação em Ciências Sociais e Humanas).
- Fraser, Angus (1997), *História do Povo Cigano*, Lisboa, Editorial Teorema.
- Gaulejac, Vincent, e Isabel T. Léonetti (1994), *La Lutte des Places. Insertion et Désinsertion*, Paris, Hommes et Perspectives / Desclée de Brouwer.
- Goffman, Erving (1991 [1974]), *Les Cadres de l'Expérience*, Paris, Les Éditions de Minuit.
- Lahire, Bernard (2003), *O Homem Plural. As Molas da Acção*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Madec, Annick, e Numa Murard (1998), *Cidadania e Políticas Sociais*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Magano, Olga (1999), *Entre Ciganos Portugueses. Estudo sobre a Integração Social de Uma Comunidade Cigana Residente na Cidade do Porto*, Porto, Universidade Aberta, dissertação de mestrado.

- Magano, Olga (2010), *"Tracejar Vidas Normais". Estudo Qualitativo sobre a Integração Social de Indivíduos de Origem Cigana na Sociedade Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, tese de doutoramento em sociologia.
- Moreira, J. J. Semedo (1999), "Ciganos em privação de liberdade", *Revista do Ministério Público*, 77, pp. 59-98.
- Parlamento Europeu (2011), *Estratégia da União Europeia para a Inclusão dos Ciganos*, resolução do Parlamento Europeu sobre a estratégia da UE a favor da integração dos ciganos (2010/2276, INI), Estraburgo, Parlamento Europeu.
- Santos, Tiago, Catarina Oliveira, Edite Rosário, Rahul Kumar, e Elisabete Brigadeiro. (2009), *Research Survey on Migrant's Experiences of Racism and Xenophobia in Portugal*, Porto Salvo, Númena.
- Schnapper, Dominique (2007), *Qu'Est-ce Que l'Intégration?*, Paris, Editions Gallimard, coleção Folio Actuel.
- SOS Racismo (2001), *Satispen Ta Li — Saúde e Liberdade. Ciganos, Números, Abordagens e Realidades*, Lisboa, SOS Racismo.
- Velho, Gilberto (1999), "Projecto, emoção e orientação em sociedades complexas", em Gilberto Velho (org.), *Individualismo e Cultura. Notas para Uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, pp. 15-37.